

Educação Ambiental e Mobilização com catadores de materiais recicláveis: solução de problemas, resgate de autoestima e construção de autonomia

Environmental Education and Mobilization with waste pickers: problem solving, self-esteem rescue and construction of autonomy

Angela M. Baeder¹ e Nidia N. Pontuschka. 1. Centro Universitário Fundação Santo André 2. USP (Brasil).

Resumo

Este estudo é parte da tese de doutorado e analisa trabalhos de formação de catadores (as) de materiais recicláveis da Região Metropolitana da Grande São Paulo. O objetivo é identificar elementos para subsidiar a construção participativa de soluções sustentáveis para a problemática socioambiental de resíduos sólidos nas áreas urbanas. Essas ações educativas estão no contexto de diálogos sobre a Educação Ambiental, voltada para a implantação de políticas públicas e institucionais de gestão participativa de resíduos sólidos. Atualmente, o Brasil vive a implantação de novos processos de Gestão Integrada de Resíduos, que incluem a participação de catadores e, portanto, há necessidade de ampliação da coleta seletiva e do profissionalismo no trabalho cooperativo. Neste texto, há marcantes para os catadores, evidenciadas com a realização de Grupos Focais, em 2008, durante o Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos - 2005 a 2012, em convênio entre FEUSP, FAFE e UVic, e apoio financeiro da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional. Foram feitas reuniões focadas com formadores e catadores. As principais contribuições foram no desenvolvimento pessoal, na autovalorização, na internalização de valores cooperativos e da economia solidária, e ainda a análise dos contextos sociopolíticos e ambientais da vida desses trabalhadores.

Abstract

This study is part of the doctoral thesis and analyzes pickers of recyclable materials in the metropolitan region of São Paulo's training work. The goal is to identify elements to support participatory construction of sustainable solutions for social and environmental problems of solid waste in urban areas. These educational activities are in the context of dialogues on environmental education, focused on the implementation of public and institutional policies through participatory management of solid waste. Today, Brazil is witnessing the implementation of new processes of Integrated Waste Management, which guidelines include the participation of collectors and therefore there is need to expand the selective

collection and professionalism in cooperative work. In this text, there are outstanding contributions to the collectors, with the completion of the Focus Group technique in 2008, the Participatory Management Project and Sustainable Waste - from 2005 to 2012, under an agreement between FEUSP, FAFE and UVic, and financial support of the Canadian International Development Agency. Meetings were held focused on trainers and collectors. The main contributions were on personal development, self-appreciation, the internalization of cooperative values and solidarity economy, and also the analysis of the socio-political and environmental contexts of life of these workers.

Palavras chave

Educação ambiental, educação popular, mobilização social, coleta seletiva, educação do catador, gestão participativa

Key-words

Environmental education, popular education, social mobilization, selective collection, collector of education, participatory management

Introdução

Em 2012, um publicitário convidou seu conhecido, catador do bairro, para comer um salgado na lanchonete. O dono do estabelecimento começou a destratar o catador, referindo-se a ele como “isso” [“isso” não pode ficar aqui dentro...], ou seja, uma “coisa” que cheirava mal, dentre outros insultos que os fizeram sair da lanchonete. Agora em junho de 2015, o dono da lanchonete está sendo obrigado a pagar uma indenização, porque o publicitário teve a iniciativa de registrar a ocorrência e entrar na justiça. (CHEREM, 2015)

Depois de vinte anos de luta dos movimentos de catadores e das políticas públicas para a inclusão social, eles ainda estão expostos à intensa estigmatização e não reconhecimento de seu papel socioambiental.

Pela Constituição Brasileira, o preconceito é crime. Além disso, o nível de humilhação a que o dono submeteu o catador revela o caráter e os valores deste cidadão, nos fazendo pensar sobre o poder de que ele se auto reveste. Por ter melhor condição socioeconômica, acredita que tem ascensão sobre aqueles que nada têm? Isto faz parte do “imaginário” em que “ter” é “poder”, e, que para “termos valor”, temos que “ter” bens materiais, componentes essenciais para a insustentabilidade no mundo capitalista do consumo e do consumismo.

Estes são componentes fundamentais da lógica do próprio sistema produtivo, que exige o rápido consumo e a obsolescência programada como fatores imprescindíveis para a reprodução do sistema por inteiro.

Enfim, são os componentes imateriais da cultura inerentes às condições concretas da produção e as relações socioeconômicas no capitalismo que comandam a vida. (SANTOS, 1996, LEFF, 2003 entre outros)

Em meio às relações de mercado como é possível melhorar as condições de vida dos catadores e encontrar saídas econômicas e ambientalmente sustentáveis?

Trabalhar com a problemática de resíduos sólidos e com os catadores requer entender as condições concretas e a complexidade das relações sociais, as políticas públicas, enfim, o cenário atual da coleta seletiva. A coleta seletiva teve avanços no Brasil, no aumento da quantidade coletada e reciclada; na legislação específica; na relação com cooperativas e na inclusão dos catadores. Porém, é grande a diversidade de situações em cada município e, em cada cenário.

A reportagem anterior revela uma dimensão desta diversidade: a permanência de catadores isolados, fazendo a “catação” na rua, sem nenhum tipo de apoio e sem a condição mínima necessária para o trabalho e para a sobrevivência. Estão sujeitos apenas às regras do mercado. Este tem sido objeto das lutas dos movimentos sociais, das políticas públicas inclusivas, do investimento dos governos federal, municipais e de alguns estados, comprometidos com a equidade social e com o interesse público- em ações para a associação desses trabalhadores e da organização de novos sistemas de gestão de resíduos. Mesmo assim, encontramos esta condição, seja em decorrência do contexto socioeconômico, seja pelas dificuldades de convivência e relações no trabalho coletivo cooperativo (SINGER, 2004).

Para a implantação de novos sistemas de gestão de resíduos há muitos desafios a superar. A Educação Ambiental tem sido imprescindível: no processo de associação dos catadores; no fortalecimento de sua organização; na relação da população com a implantação da coleta seletiva; na organização interna das próprias cooperativas, do trabalho, da gestão e das relações humanas; junto às indústrias, enfim, com todos os atores envolvidos na cadeia da reciclagem.

Neste trabalho, é apresentada uma das avaliações do processo de formação realizada no interior do Projeto de Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos (GPSRS), desenvolvido entre 2005 e 2012, por meio de parceria entre duas universidades - uma canadense e uma brasileira-, com militantes comprometidos com a luta dos catadores e grupos destes, da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP-SP/BR).

Aqui se pretende identificar características do “fazer” pedagógico da Educação Ambiental no contexto do Projeto e elementos metodológicos marcantes, por meio da técnica do “Grupo focal”, realizada com os educadores e catadores do GPSRS.

Com este estudo pretende-se contribuir para a superação de desafios presentes nas condições atuais da implantação da coleta seletiva por cooperativas, e subsidiar a reflexão e a ação em espaços de Educação Ambiental.

Dos valores, princípios e relações socioeconômicas concretas: Educação Ambiental (EA) para transformações

A EA com os catadores tem sido fundamental, por permitir avanços políticos em estreita conexão com as condições concretas de vida e de trabalho.

Entre os principais objetivos do GPSRS e de processos formativos vivenciados desde a década de 1990, por quase a totalidade do grupo educadores deste Projeto, estavam possibilitar o acesso a diferentes leituras e relacionamentos com o mundo, a construção da autonomia dos sujeitos participantes da formação na produção e socialização dos conhecimentos tendo em vista a inserção dos catadores no processo da história, como sujeitos dessa história (FREIRE, 1997).

As interações nos processos de formação são mediadas por uma pluralidade de linguagens –verbais, imagéticas, míticas, mímicas, plásticas, musicais entre outras– e por inúmeros referenciais de leitura do mundo – o conhecimento sistematizado, o saber popular, o senso comum. A compreensão dos processos formativos exige o entendimento dessas interações. De acordo com BURNHAM,

os sujeitos, intersubjetivamente, constroem e reconstróem a si mesmos, o

conhecimento já produzido e que produzem, as suas relações entre si e com a sua realidade, assim como, pela ação (tanto na dimensão do sujeito individual quanto social), transformam essa realidade num processo multiplamente cíclico que contém, em si próprio, tanto a face da continuidade quando a construção do novo. (BURNHAM, 1998, p. 37).

A compreensão do fenômeno educativo, das situações educativas em sua complexidade, instituiu a necessidade de buscar referências em várias disciplinas que, na abordagem multirreferencial não se reduzem umas às outras, mas sob o olhar dessas diferentes óticas, tornam mais legíveis tais fenômenos complexos. (ARDOINO, 1993 apud MARTINS, 1998)

Nessa perspectiva, o “complexo” não seria compreendido como um objeto simplificável – e nem reducionista, e individual, mas como um processo, apreendido globalmente através da familiarização, da produção de sua explicitação e elucidação enquanto movimento dinâmico que se renova se recria, na multiplicidade de significados, na possibilidade de negação de si mesmo (ARDOINO apud BRUNHAM, p. 41).

No Projeto GPSRS, as ações desencadeadas e os princípios norteadores estiveram sempre no campo da pesquisa participante e da pesquisa intervenção, modalidades de construção coletiva de “conhecimento

do mundo e das condições de vida das pessoas e grupos populares” (BRANDÃO, 1982, p.9).

Como afirma Brandão, essa construção de conhecimento se dá com a relação entre o(s) sujeito(s) e os “objetos” de estudo diferente daquela usual na ciência que se pretende neutra. Implica uma nova relação entre os participantes da pesquisa, assim como um interesse destes sobre a realidade pesquisada.

Conhecimento coletivo, constitui-se a partir de um trabalho, que recria, de dentro para fora, formas concretas dessas gentes e grupos a participarem do direito e do poder pensarem, produzirem os usos de seu saber a respeito de si próprios (BRANDÃO, 1982).

O conhecimento, na “nova” relação do coletivo, saído da prática política, torna possível e proveitoso o compromisso de grupos populares com grupos de cientistas, constituindo um instrumento a mais no reforço do poder do povo, que se “arma” com a participação de profissionais militantes de diferentes áreas, comprometido(s) com a causa popular.

A opção metodológica teve como princípio fundamental, independente da técnica de desenvolvimento de cada encontro, o respeito aos saberes dos participantes (catadores e outros sujeitos sociais), à construção de novos conhecimentos e sua sistematização para a apropriação

coletiva e ao protagonismo dos catadores ao longo dos encontros e eventos. Nesse sentido, é necessário que, a todo o momento, os sujeitos conheçam a própria realidade, se apropriem dela para aprender a escrever sua história de classe. (BAEDER, 2009, p. 34 e 35).

A sistematização coletiva foi sempre um processo participativo de produção de conhecimento, de reconstrução da experiência e, ao mesmo tempo, de reflexão sobre a prática. Foi um componente imprescindível para a conscientização dos catadores (as) sobre sua condição histórico-social.

Compartilhar experiência, no sentido das intersubjetividades, foi outro princípio importante, vinculado às dinâmicas de interação, aos planejamentos coletivos e à sistematização. O planejamento coletivo de ações foi a opção para a busca de saídas para os inúmeros problemas de gestão e de operacionalização de coleta, do armazenamento e da comercialização de materiais recicláveis.

EA na discussão sobre a realidade e na proposta de ações para mudanças

Os princípios e valores levantados anteriormente, e aqueles “emprestados” da Pesquisa participante são também os que

norteiam a vertente da EA Popular, estando presentes em vários documentos e compromissos de referência para o desenvolvimento dessa Educação.

Além dos princípios coincidentes com os da pesquisa participante, como: no processo educativo todos são “aprendentes”; os oprimidos como sujeitos da própria história, a Educação Ambiental, nessa vertente, como afirmado em vários documentos de âmbito internacional, é entendida como um ato político. (TEASS, 1992), desde a formação de sujeitos da própria história, com fortalecimento da autonomia, até a necessidade da participação na gestão do ambiente, dos problemas e da busca de soluções. A participação exige a formação e o acesso às informações; o entendimento das condições ambientais concretas, pelos saberes acumulados pela humanidade e pelos saberes das populações locais.

Por outro lado, a participação na gestão também é formativa, por exigir a busca de informações para o desenvolvimento de diálogo e construção de soluções adequadas para os problemas concretos, do ponto de vista socioambiental e, ainda, do ponto de vista do aprendizado da resolução de conflitos e do embate de interesses. (LAYRARGUES, 2004)

A Coleta seletiva na cadeia da reciclagem

A formação, no GPSRS, sempre esteve vinculada diretamente à busca da melhoria da condição de sobrevivência dos catadores e da promoção da inclusão social, de forma articulada à procura de soluções para o problema ambiental físico dos resíduos sólidos, que era o campo de trabalho desses catadores.

Há 50 anos, os catadores fazem a coleta nos bairros das cidades brasileiras, de maneira informal. Realizam este trabalho por vezes em condições subumanas. Em geral são pessoas que perderam o emprego e não conseguiram encontrar colocação.

Singer evidencia o acúmulo de desvantagens em relação aos catadores. Em decorrência da competição nas várias tentativas de sobrevivência: na escola, depois de algumas repetências, é quase impossível estudar; depois é no trabalho, não conseguindo emprego, não se tem dinheiro de condução, não se pode ir procurar mais longe e, depois, nem perto, porque as roupas estão velhas e ninguém mais aceita para qualquer tipo de ocupação. A reinserção no mundo do trabalho e do consumo fica cada vez mais difícil (SINGER, 2002).

Quando a coleta seletiva é realizada por empresas, são muito caras. Quando por

catadores, estes ganham muito pouco. Há vários intermediários até a indústria de reciclagem. Mas é na economia em energia, água e parte da matéria prima bruta, que se concentra a maior parte do ganho nessa cadeia, ficando com a indústria recicladora.

Foi com este intuito que veio se fortalecendo o movimento social de catadores, desde 1999. No início de 2000 havia 4 movimentos de expressão, na cidade de São Paulo: *Fórum Recicla São Paulo* (FRSP), Comitê Metropolitano do Movimento Nacional de Catadores (instância local do Movimento Nacional de catadores de materiais recicláveis – MNCR), Fórum Lixo e Cidadania e Fórum Zona Leste Faz.

Com a coleta seletiva, abriu-se uma "brecha de mercado": a comunidade encontrou uma atividade que proporcionava renda, quase sem nenhuma concorrência. (SINGER, 2004).

Porém, as condições de trabalho eram inadequadas e, por ser uma atividade normalmente de responsabilidade do poder público (limpeza urbana), o FRSP e outros movimentos debateram com o governo alternativas para alcançar uma situação mais justa de trabalho, propondo a construção de uma política pública com esta finalidade.

A comercialização coletiva sempre foi importante objetivo para os grupos enfrenta-

rem a exploração e mudar os parâmetros para negociação de preço. Outra maneira de ampliar o ganho era aumentar a quantidade e a qualidade de materiais e conseguir negociar diretamente com as indústrias recicladoras.

Em 2002, no diálogo com a prefeitura de São Paulo, o FRSP e os outros movimentos de catadores lutaram para participar da formulação do Programa de Coleta Seletiva Solidária (PCSS) da cidade. A implantação foi a partir de 2003, com participação desses grupos e das equipes que, propuseram o Projeto GPSRS.

Nas várias etapas da coleta seletiva - coleta, triagem e comercialização- tanto nos pequenos grupos, quanto nas Centrais de Triagem (do Programa de São Paulo) e nas cooperativas, destacam-se como principais dificuldades a serem superadas:

- Autoconfiança para participar
- Fortalecimento da confiança mútua
- Da competição e individualismo à cooperação e participação nos grupos
- Corresponsabilidade na gestão das cooperativas
- Construção de processos de apropriação coletiva da organização do trabalho, incluindo a contabilidade e a construção de Planos de Negócios.

Outras dificuldades são externas aos grupos, que dizem respeito à dinâmica do mercado (local, nacional e global) como a

competição e oscilação de preços, a relação com o poder público e com as políticas públicas.

Essas duas últimas questões são fundamentais para avançar com o fortalecimento da economia solidária, como agente de desenvolvimento com equidade. (SINGER, 2002).

Avanços nos sistemas de coleta seletiva

A coleta seletiva no Brasil ocorre, hoje, num contexto bem diferente daquele do final da década de 1990 e do início de 2000. Em relação às políticas públicas houve avanços significativos. Destacam-se a Lei federal 11.445 de 2007 que estabelece diretrizes para o Saneamento Básico, e possibilita a contratação de cooperativas para a coleta seletiva, por regras diferentes da licitação pública e a Lei Federal 12.305/10 que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Ressalta-se a importância das cooperativas de catadores para a efetivação da Logística reversa e a obrigatoriedade de estruturação de Planos de Gestão de Resíduos dos municípios.

Há municípios que já pagam os catadores pela coleta diferenciada de materiais. Mas são poucos (quase 100), no universo dos aproximadamente 5000 municípios brasileiros.

Segundo pesquisas do CEMPRE, o número de municípios com coleta diferenciada de secos aumentou, (em 1994, eram 81 municípios; em 2008 eram 405, em 2010, totalizavam 443 e em 2014, 927) (CEMPRE, 2015). Hoje, 28 milhões de habitantes (13% da população) são atendidos por essa coleta. A maioria (76%) inclui cooperativas em seus programas. Nestas cidades, 76% fazem coleta com Cooperativas; 80% incluem o porta a porta e 45% Postos de Entrega Voluntária (PEVs). (CEMPRE, 2015).

Os dados mostram um cenário favorável ao envolvimento dos catadores na coleta seletiva, nos municípios do Brasil. Porém, é evidente a necessidade de qualificação deste trabalho, diante do novo contexto:

- A tendência crescente de implantação de coleta seletiva;
- Ainda é baixa a quantidade de materiais encaminhados para a reciclagem;
- Os custos para criação desses postos de trabalho são mais baixos do que para outros;
- Essas atividades ainda são desenvolvidas com extrema fragilidade. (BAEDER e PONTUSCHKA, 2012)

As políticas públicas de coleta seletiva exigem formação para ampliação e qualificação.

A implantação desses sistemas de gestão tem exigido mudanças de posturas

internamente nas prefeituras, legislações inovadoras e, mais recentemente, a maior organização do trabalho e profissionalização das cooperativas participantes. É necessária maior “eficiência” dos sistemas e das cooperativas, além do aumento da produtividade. As discussões com catadores tem abordado as possibilidades de ampliação do escopo de sua atuação. Outro aspecto fundamental, na profissionalização das cooperativas é relativo à saúde dos trabalhadores (GUTBERLET et al. 2013).

Há necessidade de fortalecimento da participação das cooperativas nos sistemas municipais de gestão de resíduos. Na maioria dos municípios é preciso melhorar as relações concretas das cooperativas com o poder público local, por meio de pagamento pelos serviços realizados (abrangendo atuação na Educação Ambiental com a população e formação de novos grupos de coleta). Dentro deste quadro, se ampliou a necessidade de construção de processos formativos.

Perfil da pesquisa apresentada

Esta pesquisa ocorreu com a realização de encontros de Grupos Focais com equipes do projeto *Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos* (GPSRS).

Conforme indicado anteriormente, este Projeto GPSRS se originou de vínculos criados nas mobilizações e trabalhos educativos desde a década de 1990. Em função destas ações, houve convite da Universidade de Victoria-CA (UVic), para que fizéssemos um Projeto, a fim de solicitar financiamento para a realização de pesquisa-ação com catadores (as).

Iniciamos as reuniões em 2003, para definir como seria um projeto que construísse processo duradouro de inclusão em um contexto de inúmeros desafios e dificuldades.

O projeto foi aprovado pelo “Programa Parcerias Universitárias de Cooperação e Desenvolvimento” (*University Partnerships in Cooperation and Development - UPCD Program*), da “Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional” (*Canadian International Development Agency - CIDA*), em Março de 2005, tendo como universidades parceiras a University of Victoria (UVic) (Victoria-BC, Canadá) e o Centro Universitário da Fundação Santo André (FSA) e outros parceiros, dos quais se destacavam a Rede Mulher de Educação e o Fórum Recicla São Paulo que acompanhavam o movimento social dos catadores há mais tempo. Eram parceiras, desde o início, as prefeituras de Diadema, Santo André e Ribeirão Pires, incluindo os catadores desses municípios e da cidade de São Paulo.

Participaram deste Projeto: Jutta GUTBERLET, Angela M. BAEDER, Nídia N. PONTUSCHKA, Ana Maria MARINS, Fábio Luiz CARDOSO, Maria Ruth TAKAHASHI, Solange DIAS DE ARAÚJO.

O Projeto foi construído de forma participativa, com a articulação de diferentes instituições e sujeitos sociais nacionais e internacionais, públicos e privados que tinham sido responsáveis pela estruturação de políticas públicas de limpeza urbana, com inclusão social, na região da Grande São Paulo.

Era um projeto para 6 anos, mas foi ampliado pela mudança de parceria com a Universidade de São Paulo, em 2007, e perdurou até 2012. A continuidade da pesquisa foi possível por meio de convênio entre a Faculdade de Educação da USP (FEUSP), a Universidade de Victoria - UVIC e a Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (FAFE).

Um dos aspectos mais importantes desse projeto foi a estruturação de processos fundamentais para gestão pública participativa de Resíduos Sólidos, de acordo com um novo paradigma: o de atender ao interesse das maiorias, promovendo a inclusão social dos catadores e sua atuação educativa junto à comunidade. Este não é só um problema brasileiro: em muitas áreas urbanas no mundo, o que se vê é a presença de catadores, em função da crise econômica e financeira (dos anos

2007/2008) que acirrou desigualdades, aumentou o desemprego e a concentração de renda, ampliando a competição, causando enorme exclusão social.

O objetivo geral do GPSRS era melhorar a qualidade de vida e contribuir para a sustentabilidade ambiental em grandes aglomerações urbanas; por meio de fortalecimento dos movimentos sociais de catadores, da construção de políticas públicas participativas de resíduos sólidos, com inclusão dos catadores.

O projeto buscou construir políticas públicas de resíduos sólidos, de maneira participativa, estreitando o diálogo entre catadores e destes com as prefeituras. A contribuição para o processo de organização desses catadores, dentro dos princípios do cooperativismo e da economia solidária. A inclusão nos programas implicou na organização do trabalho coletivo, na formação para a auto-gestão e na preparação das equipes técnicas das prefeituras em lidar com esse sistema de coleta (ROMANI, 2004).

Ações do projeto

Em função de organizar as demandas vindas das inúmeras necessidades e dos objetivos, foram definidas as “*linhas de ação*”, que indicavam as várias frentes de atuação.

Havia necessidade de formação, com a estruturação e fortalecimento de espaços de diálogo entre os grupos de coleta, in-

cluindo o desenvolvimento de ações coletivas como, por exemplo, a venda coletiva de materiais, diálogo entre os grupos e os governos municipais, estaduais e federal, promover o diálogo com outros sujeitos sociais e sistematização do processo.

No projeto havia ainda as ações transversais como as pesquisas acadêmicas; o levantamento das condições de vida e de trabalho dos grupos de catadores; a produção de material didático, a criação de um sistema informatizado de controle de estoques e de contabilidade para venda coletiva de materiais.

Gestão

A gestão do projeto está apoiada na seguinte composição de equipes: as reitorias das duas universidades (reitorias); diretoria do projeto no Canadá e no Brasil; Comitê Executivo (CE) e Conselho Gestor (CG) e uma equipe de campo acompanhando os grupos.

As decisões mais importantes eram tomadas pelo CG, constituído por representantes dos grupos de catadores, das universidades, das prefeituras e das demais instituições parceiras¹. O CG acom-

1 Prefeituras Municipais das cidades de Diadema, Santo André, Ribeirão Pires; FUNDACENTRO (Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho – Ministério do Trabalho e Emprego); SENAC e Instituto GEA Ética e Cidadania. Novas parcerias: Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR); Prefeitura Municipal e catadores de

panhou o planejamento e replanejamento, as ações, o andamento da coleta seletiva e da comercialização pelas cooperativas; a reformulação de parcerias, as relações institucionais, a produção acadêmica e o diálogo com as prefeituras.

O Comitê Executivo (CE) é composto pelas duas diretoras e representantes dos catadores, da Rede Mulher Educação, da Universidade, do poder público e da Equipe de Campo. O CE fazia os encaminhamentos para o desenvolvimento das ações aprovadas no CG, além da coordenação geral e das atividades burocrático-administrativas.

Atividades desenvolvidas

Um dos princípios do projeto era efetivar a gestão de forma participativa. Ela se desenvolveu por meio do diálogo e da sistematização das ideias, no coletivo. A sistematização é um processo pelo qual o coletivo compreende o contexto político em que se dão suas atividades e constrói as possibilidades de saída.

Nesse processo houve intercâmbio de experiências e de conhecimentos entre diferentes sujeitos, o aprendizado coletivo e o crescimento em muitas dimensões humanas. Os testemunhos de catadores e de outros participantes evidenciaram esses resultados ao longo do percurso.

Mauá e de São Bernardo do Campo; Consórcio Intermunicipal do Grande ABC.

O estabelecimento da rede de comercialização coletiva, no ABC (parceria com o projeto Rede Gerando Renda, originado no GPSRS) foi fundamental para o fortalecimento dos grupos de catadores. É complexa a teia para a comercialização, o que exigiu muito diálogo e organização. Alguns componentes desse processo são: a definição dos materiais a serem comercializados, a logística do transporte, a homogeneização da triagem de materiais nos grupos das formas de prensagem e a quantidade de materiais. Porém, a primeira condição para a efetivação da venda coletiva reconhecida pelos grupos é a confiança mútua.

A venda coletiva, possibilitou a melhoria da renda das famílias, ampliou a auto segurança e a competência para a auto-gestão. A situação mais difícil da venda coletiva foi durante a crise econômica internacional. De dezembro de 2008 até final de 2009, pois as indústrias pararam de comprar da Rede.

As cooperativas sentiram as perdas na comercialização já no início da crise, com a queda os preços e a interrupção nas compras de alguns materiais pela indústria.

Este permanece o maior problema dos grupos e dos catadores de maneira geral. O desafio foi buscar saídas para voltar aos avanços alcançados antes dessa crise.

Para entender melhor o processo de formação do Projeto de Coleta Seletiva Brasil

Canadá e dos trabalhos anteriores, decidiu-se desenvolver a técnica do “Grupo Focal”, com os formadores e os catadores do GPSRS.

Grupos Focais, com grupos no projeto de coleta seletiva Brasil-Canadá: identificação de elementos da formação

Houve constantes avaliações, durante o projeto, retratadas nos materiais produzidos. Eles incluem a produção dos encontros, com a sistematização dos processos vividos e encaminhamentos para a solução dos problemas. A maioria da produção dos encontros foi feita originalmente em forma de cartazes, escritos passo a passo, a partir do diálogo com os participantes do Projeto.

Aqui apresentaremos os resultados das dinâmicas de “Grupos Focais” realizadas em dezembro de 2008. O objetivo principal desses grupos focais foi identificar, aspectos relevantes no processo educativo com catadores, assim como ratificar ou retificar as ideias levantadas nas observações participantes do grupo de formadores e das lideranças de catadores participantes do(s) processos de formação.

Os Grupos focais -reuniões em pequenos grupos para avaliar e identificar problemas

e/ou aspectos de determinados processos-, foram realizados para proporcionar uma interação, relativa à percepção de muitos aspectos sobre o trabalho com catadores, que poderiam não vir à tona, em entrevistas individuais.

Nessa técnica, a energia do grupo gera maior diversidade e profundidade de respostas. Para ele, os grupos focais têm o *“objetivo central identificar sentimentos, percepções, atitudes e ideias dos participantes a respeito de determinado assunto”* (CAPLAN, 2008)

Para Cruz Neto et alii, Grupo Focal é definido como uma técnica de Pesquisa

..na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate entre eles, informações acerca de um tema específico. (CRUZ NETO, 2002 p.5)

Essa técnica permite trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes, pois eles apresentam, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema. (Idem, ibidem). Em consequência, as informações são de cunho essencialmente qualitativo.

Nessa técnica são apresentadas questões norteadoras do debate, que possam ins-

taurar e alimentar o debate entre os participantes, sem que com isso se pretenda chegar a um consenso. Algumas opiniões causam mais impacto e polêmica, provocando reações e ideias que ora convergem, ora divergem. (CRUZ NETO et alii, 2002) O importante é que cada um possa apresentar suas concepções de maneira equânime, para serem discutidas e refinadas.

Em função da história comum do formadores e dos catadores, era importante ouvi-los e refletir com eles sobre os avanços e dificuldades nos processos formativos.

Foram feitos encontros com dois grupos focais: um de formadores (GF-F), componentes do CE e outro com lideranças de catadores (GF-C). Com os formadores foram realizadas duas reuniões e com o segundo apenas uma reunião.

No GF-C, havia catadores que participaram desde a década de 1990, na constituição do FRSP outros do Conselho Gestor do Projeto Brasil Canadá. São lideranças que representam grupos de catadores de São Paulo e do ABCD (RMSP). Procurou-se abordar o significado das ações educativas para a vida e para as condições de trabalho desses trabalhadores.

Na apresentação dos resultados dos grupos focais, estão indicados alguns conceitos e categorias subjacentes às discussões.

Para os dois GF que são comprometidos com uma determinada visão relativamente à problemática socioambiental de RS e da coleta seletiva, a categoria “participante”, tem o significado de protagonismo, de “sujeito de ação” em instâncias decisórias dos coletivos.

Grupo focal com os “Formadores” ou do Comitê Executivo (CE)-caracterização

O Grupo Focal “Formadores” é constituído pelos componentes do Comitê Executivo (CE) do Projeto de Coleta Seletiva Brasil Canadá e Equipe de campo. Participaram dos encontros pessoas com vivências em espaços bastante diferenciados, e de variada formação escolar e acadêmica. Nesse grupo estavam dois historiadores, duas geógrafas, uma bióloga, uma assistente social. Entre eles, alguns tiveram vivência política com igreja, com parlamentares, na atuação profissional, no serviço público e na academia.

Ao longo das atividades do Projeto, nas inúmeras reuniões, no trabalho cotidiano de buscar soluções para inúmeras demandas, foram raros os momentos para a reflexão mais aprofundada sobre o trabalho. Os encontros do GF-F permitiram entender melhor a riqueza de visões, do ideário e das motivações para o desenvolvimento dessas ações de formação. Foram realizados dois encontros do GF Formadores: em 19 e 26 de novembro de 2008.

O GF-Catadores foi formado por lideranças de catadores da Zona Sul de São Paulo e por lideranças de cooperativas das cidades de Mauá, Ribeirão Pires e São Bernardo do Campo. As lideranças de São Paulo participaram desde a década de 1990 e integravam o CG do Projeto de Coleta Seletiva Brasil Canadá. Participaram do GF- C: Francisca Maria Lima Araujo, Guiomar Conceição dos Santos, Joana D’arc P. Costa, José Gomes Aveiro, José Ronaldo Tiago dos Santos, Maria da Penha Ap. C. Guimarães e Rozenir Rodrigues Souza.

Esses trabalhadores têm formação escolar diversificada. Um deles iniciou o curso superior, o outro já foi monitor do MOVA e trabalhou em escritório de indústria; outros não completaram o Ensino Fundamental. A maioria desse grupo participa atualmente do Movimento Nacional de Catadores. A maioria deles participou da constituição da Rede de comercialização coletiva e faz parte da cooperativa de Segundo Grau que congrega cooperativas do Projeto (Coopcent ABC). Mesmo durante a crise de 2007/08, essas lideranças persistiram nas cooperativas, por seu comprometimento.

Foi importante ouvi-los, pelo compromisso com a organização dos catadores e pela diversidade de leituras dos processos de formação, inclusive sobre seus companheiros que não acompanharam esses encontros de formação. Com o GF - Catadores foi realizado um encontro em 17 de dezembro de 2008, quando a crise de

vendas de materiais recicláveis estava no auge.

Para analisar os diálogos nos grupos focais, primeiramente, procurou-se apreender as interações entre os participantes e as situações que se formaram com as discussões, quando relevantes. Foi feita uma análise de conteúdos das falas, procurando identificar nelas possíveis categorias que facilitassem o entendimento desses “discursos”, independentemente de um referencial teórico, mas identificando o conjunto das visões que emergiram dos participantes.

Outra dimensão da análise, tendo em vista aspectos fundamentais do processo formativo para a construção da autonomia, foi relativa à identificação, nas falas, do posicionamento diante da realidade; colocações que indicam a visão mais estática ou dinâmica do mundo; das relações históricas, da consciência pessoal e de grupo. (Roteiro em LUTFI, 1984, p. 32).

Grupo Focal com Formadores

Para o primeiro encontro foi elaborado um Roteiro com as principais preocupações a



serem abordadas. As pessoas falaram livremente. O roteiro não foi seguido à risca, mas serviu de referência para orientação dos discursos, quando os assuntos se esgotavam. A seguir estão indicados os itens orientadores dos encontros.

GF Formadores

1. Quais foram os objetivos do grupo?
2. O que levou a apoiar a organização de grupos de catadores?
3. Este trabalho tem relação com a Educação Ambiental e/ou com movimentos sociais? O que foi esse processo educativo desencadeado pelo nosso grupo?
4. O que é fazer EA com catadores. O que falta para melhorar o trabalho?
5. Qual é o entendimento sobre sustentabilidade social e ambiental?
6. Como foi a formação de catadores (Fórum, Capacitação e BR-CA)?

Os depoimentos dos 3 componentes mais antigos, durante a reunião do Grupo Focal, mostraram grande comprometimento com a busca por soluções para as injustiças sociais, por processos de conscientização



Fotografias 1 e 2: Encontro grupo focal formadores – 19/11/2008

sobre as relações econômico-sociais que levaram à condição de vida dessa população menos favorecida, independentemente de qualquer grupamento político ou qualquer forma de associação em torno de ideologias específicas.

Para um dos componentes, desde quando começou a se envolver em atividades com pessoas em situação de exclusão social, seja na experiência com a igreja católica, ou com Educação de Adultos, ele entende que, naquele espaço, deveria contribuir para a formação da consciência daquele grupo, para entender melhor a realidade que elas (as pessoas) estavam vivendo, como elas estão ali e como é que elas podem pensar em sair dali. Com os catadores não foi diferente: aquelas pessoas não estavam catando porque queriam. Se elas querem sair ou não é uma decisão delas.

Apesar de ser uma decisão delas, esse formador acreditava ser importante criar momentos para elas se “alimentarem”. Ele afirma: “Procurei sempre que as pessoas fossem para o FRSP, para esse espaço de troca. Quanto às injustiças sociais, nunca me conformei e sempre quis fazer alguma coisa”.

Os formadores mostraram uma motivação em comum: o inconformismo com relação à condição de vida dessa parcela de trabalhadores, com a desigualdade social e, portanto, um forte compromisso com a necessidade de transformação social.

A Educação Ambiental não era um objetivo comum para o grupo todo, ao menos no início da mobilização dos catadores. A questão educativa, de maneira geral, foi clareando, para os formadores, ao longo do processo e a Educação Ambiental passou a ser entendida como parte do processo quando se verificava o teor educativo presente na relação que os catadores estabeleciam com a população, quando passavam de porta em porta para recolher os materiais recicláveis.

No contato entre catador e morador durante a coleta porta em porta, a população passou a valorizar a coleta e qualificar os materiais. Quando os catadores conversam com a população sobre a limpeza e armazenamento dos materiais que estes passam para coletar, inicia-se uma sensibilização sobre a condição desses materiais, para que não sejam mais considerados como “lixo”, algo para estar longe, e passem a ser entendidos como “materiais recicláveis”.

Nem sempre os moradores têm interesse em saber sobre a destinação dos resíduos que eles próprios geram. Ao longo da história urbana, foi criada a ideia de que a obrigação de todo o cidadão era embalar e colocar o lixo de forma adequada na calçada. A partir desse momento, estando o lixo fora de suas casas, parece não haver preocupação com o local para onde são levados, nem quanto o poder público gasta para seu transporte e tampouco com a

destinação final desse lixo. Ou seja, os outros aspectos da gestão de resíduos, até há pouco tempo, a coleta seletiva não fazia parte do “hall das preocupações cidadãs”.

Nesse diálogo, a população começa a pensar nos materiais gerados e no fato de haver gente sobrevivendo da comercialização desses materiais. O próprio ato de reservar os materiais já indica uma sensibilização para essa questão. Com a interação com os catadores a população é estimulada a estabelecer conexão entre os fatores que fazem parte da complexidade socioambiental dos resíduos.

Neste trabalho educativo com catadores, inicialmente, articulado em torno da preocupação social, a Educação Ambiental foi adquirindo uma dimensão importante no fazer dos catadores, conforme expresso pelos formadores, durante a reunião do Grupo Focal.

No trabalho deste Grupo Focal, ficou explícito até mesmo um preconceito com relação aos “ecologistas” ou com relação à abordagem “biologizada”, efetivamente presente em algumas práticas da EA. Essa vertente “biológica”, que não se conectava com o contexto histórico social foi marcante, principalmente na década de 70, no Brasil, assim como predominava um enfoque positivista e cartesiano também em disciplinas de ciências humanas, que não permitiam enxergar os conflitos reais dos diferentes grupos sociais.

Em geral, para solucionar situações-problema ou resolver questões de organização do trabalho de coleta, armazenamento ou de comercialização dos materiais, é preciso fazer as tarefas individuais interagindo com o coletivo. As falas da maioria dos catadores têm o sentido de que se deve definir que o fulano faça “assim ou assado” e ponto final. Em geral, argumentamos no sentido de compreender a necessidade de que se faça o trabalho de uma ou de outra maneira.

Neste grupo focal, foram discutidos os aspectos culturais, o comportamento diferenciado que faz da fala no imperativo algo não autoritário, mas claro com relação à execução de determinada tarefa. Para nós, essa fala imperativa, já definidora de processos é tomada como autoritária, mas, durante a discussão, ficou claro que isso nem sempre significa autoritarismo.

Num outro momento, discutiu-se o teor de continuidade desses processos educativos com catadores, por estarem necessariamente vinculados às condições de trabalho e de organização de movimento social, da aprendizagem política e técnica que se dá ao longo dessa nova organização da coleta como trabalho. No diálogo, houve a discussão de quanto era diferente a formação realizada pelo Projeto Brasil Canadá da educação tradicional “escolar”, normalmente muito mais específica e pontual. Específica sobre determinado assunto, enquanto o específico, no caso dos

catadores seria específico com relação a alguma condição especial, mas imediatamente vinculada ao contexto das relações de trabalho vividas.

Ao longo desses anos de formação, houve muitos avanços, do ponto de vista da consolidação da confiança mútua, da construção de processos coletivos, como por exemplo, com relação à gestão financeira nas cooperativas. A transparência não fazia parte do cotidiano dos grupos, mas depois desse período, principalmente com a estruturação da Cooperativa de Segundo Grau, começou a ser uma prática integrante do trabalho coletivo.

Ainda apareceu como ponto comum nas falas dos formadores a heterogeneidade do universo cultural dos catadores. Há grandes diferenças na comunicação entre eles: uns falam e argumentam, outros apresentam dificuldades com a fala e de se posicionar diante do grupo.

Mesmo depois de todos os processos de formação ainda permanece como um desafio e uma necessidade a transposição das posturas individuais para as coletivas, cooperativas e solidárias, ainda que já tenham incorporado essas mudanças parcialmente em suas vidas. O grupo de formadores tem a clareza de que se trata de um processo longo, de persistência, sistemático, só possível numa ação continuada.

Grupo Focal com catadores

Foi realizado um encontro no dia 17 de dezembro de 2008 no Centro Universitário Fundação Santo André (Fotografia 19). Na semana anterior, tinha ocorrido o encontro do Conselho Gestor (CG) em que se discutiram as dificuldades dos grupos e identificadas ações efetivadas e avanços do projeto no ano de 2008. A reunião do CG teve um clima estimulante, porque foi dada a notícia da assinatura do novo convênio da UVic - CA com a USP/FEUSP e, portanto, abria-se, na nova fase do projeto e nova perspectiva para os catadores.

Era ótima notícia, pois os grupos passavam por extrema dificuldade, em consequência da crise econômica mundial. A venda estava quase impossível, minguando a renda mensal, levando alguns cooperados a buscar dinheiro em outras atividades no mundo da informalidade.

No encontro do GF-Catadores houve grande riqueza de conteúdos e, nos detalhes, no jeito de falar, emergiram aspectos da vivência e valores, indicando aspectos importantes dos processos de formação. Aqui, optou-se por reproduzir somente alguns trechos mais expressivos². Os nomes atribuídos aos catadores são fictícios.

2 A íntegra das falas está na tese de doutorado BAEDER, 2009

Esse encontro iniciou apenas com uma questão bastante ampla, para que os catadores falassem livremente. Depois de algumas das falas, será feita a análise incluindo outros trechos do GF.

Antes de iniciar, houve uma explanação sobre a proposta do GF, a ideia central e os temas a serem abordados. Foram explicitados os objetivos e a forma de incorporação dessa reunião do GF, na tese de doutorado.

A questão provocadora inicial foi: “O que os processos de formação* significaram para a vida”. (*Fórum Recicla São Paulo 1999/2003, Capacitação de 2003 e Projeto de Coleta Seletiva Brasil Canadá desde 2005).

Excertos de diálogos

Marlene - Desde 1999, quando a gente começou a pensar [na articulação do movimento de catadores] eu “tenho” uma coisa muito crítica, principalmente com relação à questão política, que



Fotografia 19 - Grupo Focal Catadores – 17

a gente não estava tão integrado assim como precisava para construir uma política pública... indiretamente a gente se preocupava com meio ambiente, mas não com o mesmo amor, com mesma dedicação com que nós trabalhamos com isso [a política]³. Então, abriu-se um leque enorme: a questão da política pública, a questão ambiental, as preocupações das nascentes, dos mananciais. Uma coisa que eu aprendi: o que era mata ciliar... Aquele matinho que protege... é muito rico... O pessoal fala assim é besteira mas pra mim é importante...

Rosa –...a gente vivia lá largado no canto da Zona Sul. Não sabia nem o que estava fazendo. Aí fizemos uma caminhada, e assim, na capacitação clareou o aprendizado. A gente aprendeu a fazer contabilidade, a ver mais o sentido daquilo que a gente estava fazendo, e até tentar conviver junto com os outros porque era muito difícil e ainda é... e foi rico sim..., apesar da gente não ter entrado nas centrais, não ter posto em prática o que a gente aprendeu, mas está valendo... (ela se referia a 2003)... a minha ideia não é só eu aprender, mas aqueles lá da base, que ainda estão [sem saber]... A Educação Ambiental (EA) assim, como a Marlene falou o matinho encostado na água... Agora, com essa história de reurbanização estão tirando muita coisa⁴, o mato na beira dos córregos. Tudo que

3 A palavra entre colchetes “[]” significa o subentendido da fala do catador ou complementação.

4 O núcleo onde a Rosa mora está passando por um processo de reurbanização, iniciado pela prefeitura de São Paulo.

aconteceu lá a gente discutiu... é muito rico isso.

Cássia – eu não participei dessa mesma formação, mas...estamos juntos no projeto... já [aprendemos] muito até hoje. Mas acredito que essa formação deve ser continuada, não só [a gente] mas em busca do pessoal da base, porque a gente leva pra eles, mas... santo de casa não faz milagre...

*Rosa – todo o nosso trabalho ...em São Paulo, e hoje eles (a prefeitura) nem sabem que existe coleta seletiva. (houve eleição e o governo mudou) Que nem essa história aí do carbono***... Então não existe coleta seletiva?! Gente, é um absurdo. (**créditos de carbono e o projeto de galpão que seria feito para a Coopercoose-cooperativa de coleta seletiva).*

Cássia – todos nós ...precisamos de muito apoio. Eu acredito ... não é só o ABC que está passando momentos difícil... o mercado acabou. Não está dando nada a retirada dos catador. Isso desanima. ... precisa ter mais incentivo para que as pessoas não desista...muita gente desiste porque..."saco seco não se põe em pé".

Luísa – eu tenho bem menos tempo de caminhada que a mulherada aí. [... então, a gente aprendeu a se valorizar mais... a pensar assim "eu sou capaz"]. O BR-Ca me ajudou muito, também pra passar para o grupo, assim, pra você entender que é capaz. Até então eu era ...muito medrosa. Eu não quero ter medo de nada. Todas as pessoas têm medo de alguma coisa. Toda a pessoa tem medo de alguma coisa e a gente tem que aprender a dominar o medo....eu acho também que [me

ajudou], no lado pessoal, psicológico... [Na] correria, não dá tempo pra comer...precisa parar para tomar um café, tomar um lanche.... se você não está bem, como é que você consegue... [ajudar os outros?]

João - Com relação ao projeto, entrei como um "burro velho", mas que precisa aprender. Eu acho cada vez mais que aqui é um acúmulo de energia... Eu vim da indústria...Quando eu trabalhava [lá], eu ia lá com os meus companheiros, já fazia isso (formação política). Se eu tenho sempre uma mentalidade formada, já, ajuda; Eu quero ajudar...Com toda sinceridade, é uma batalha danada...Ontem [...] eu recebi uma cesta básica...da prefeitura, e é uma miséria...Como é que pode um ser humano viver com isto aqui? ...se fala tanto nisso, prega-se isso, mas é só ficção, não é a realidade da coisa... Eles só fantasiam. Hoje em dia todo mundo parece que só vive na fantasia, né? É... "Vamos enganar aqueles coitados".

Paulo – Eu passei pela capacitação (de 2003), também aprendi muito...Tem a burocracia pra ... pegar curso (de projetos), e no caso da conscientização ambiental, também, conscientização e educação ambiental a gente tem que fazer as coisas com os pés no chão...

João - eu queria explicar para as pessoas ...aí a gente ensina...a gente ensina pras pessoas e ai elas vão passar pros donos do ferro-velho, e o dono do ferro-velho vai saber usar a cabeça dele e eles é que vão ganhar dinheiro...

(Eles discutiram sobre a queda de preços e como eles podem interferir nessa rela-

ção com o mercado. Expuseram também o desafio dos cooperados compreenderem esta situação) (a reunião foi encerrada com a atividade de preenchimento das fichas “ANTES” e “DEPOIS”).

Análise do encontro do GF-Catadores

Dado o envolvimento dos catadores(as) no GF, este encontro poderia ter se estendido mais e o diálogo poderia ter sido aprofundado, mas estávamos a uma semana do Natal. Apesar do tempo limitado, emergiram inúmeras ideias e reflexões sobre os processos de formação vivenciados por este grupo.

Algumas dessas ideias sobre os processos de formação apareceram na fala de todos ou de quase todos, de forma explícita ou velada. Há contribuições da formação que estão bastante nítidas para essas pessoas. Porém, há muitos saberes não declarados, mas evidenciados no comportamento, no julgamento e na expressão (incluindo a expressão oral) dessas pessoas.

O próprio fato de eles estarem lá, sentados, numa postura de interação dialógica, em que eles realmente ouvem o que os colegas falam, param para refletir, interagem com essas falas, e fazem novas pondera-

ções a partir do diálogo, é bastante significativo. Observa-se um crescimento em relação à atuação e ao posicionamento em relação ao mundo e, ainda, à participação do “fazer coletivo”. Dessa forma eles se inserem no grupo e avançam coletivamente, embora individualmente de forma desigual assim como é a sua vida.

Nesse grupo focal, isso não foi explicitado, mas se evidenciou pelo posicionamento das pessoas. Num dos encontros da capacitação de 2003, houve uma explicitação desse tipo de crescimento quando um dos catadores disse que essa postura de ouvir os outros, pensar sobre isso e só depois se manifestar, era algo aprendido com aquele coletivo e estava influenciando, inclusive, nas interações na família. Em geral, todos queriam falar ao mesmo tempo. Esse é um desafio que nem todos os coletivos conseguem resolver.

Um aspecto que chamou a atenção, principalmente daqueles que estiveram na capacitação de 2003, foi a questão ambiental.

Marlene inicia a reunião se posicionando de maneira crítica com relação ao fato de não haver o mesmo envolvimento com a dimensão ambiental que se tem com as questões políticas. *“Eu sempre me [...] com política, com todas essas coisas indiretamente a gente se preocupava com meio ambiente, mas não com o mesmo amor, com a mesma dedicação com que nós trabalhamos com isso... política.”*

Com o diálogo na formação, de acordo com Marlene, abre-se *“um leque enorme: a questão da política pública, a questão ambiental, as preocupações das nascentes, dos mananciais”*. Ela fala de forma bastante sensível do conhecimento sobre a importância das matas ciliares, que ela adquiriu: *“aquele matinho que protege... isso é uma coisa que ficou pra mim aqui guardado, que é muito rico”*.

No todo, a fala de Marlene expressou um contentamento pelo aprendido e uma vontade de aprender muito mais, mostrou o gosto por conhecer as coisas. Esse aprendizado foi mais significativo que outros, em seu estudo regular: *“eu sempre estudei, mas nunca me liguei que aquela matinha era pra proteger”*.

Marlene valoriza esse conhecimento do ambiente, de uma forma segura e bastante convicta. É um posicionamento pessoal que ela sabe não ser unanimidade entre os colegas. Ela explicita dessa forma o seu gosto pela construção de novos saberes.

A mesma questão é abordada por Rosa, que fez a mesma capacitação, participou dessa viagem e mora na mesma região sul da cidade de São Paulo, onde estão as áreas de mananciais. Ela faz uma transferência do conceito para uma situação concreta. No bairro onde ela mora houve desocupações no núcleo favelado, em áreas de risco e de reurbanização. Ela contextualiza o conceito de “mata ciliar” na ação

concreta do seu entorno, no processo de urbanização: *“A educação ambiental assim, como a Marlene falou o matinho encostado na água... Agora com essa história de reurbanização estão tirando muita coisa, o mato na beira dos córregos...”*

Ao contextualizar o conceito, Rosa explicita a contradição entre os conceitos, as regras e as ações governamentais. O formulador da política pública de proteção aos mananciais, o governo é o “mesmo” que passa por cima das matas ciliares nessa área. Do ponto de vista do aprendizado essa contextualização e criticidade são estruturantes na construção da autonomia (FREIRE, 1996). Permitem a participação e visão não passiva diante dos fatos.

Rosa ainda expõe a contradição entre a prefeitura promover toda a discussão com a população que passa pela reurbanização e ao mesmo tempo ignorar, desmerecer e desvalorizar a existência de todo processo de coleta seletiva existente na cidade, quando divulga seus projetos vinculados à captação de crédito de carbono.

Rosa expõe muito mais, neste processo de urbanização: escancara o quanto tem sido dolorosa essa vivência no seu núcleo habitacional, o peso do trator que passa por cima dos sonhos e do investimento, do trabalho, da vida das pessoas. É a condição atual de muitas pessoas que por falta de políticas públicas habitacionais para a população de baixa renda, sem alter-

nativa, foram morar onde foi possível: na área dos mananciais. Independentemente do mérito sobre a necessidade da retirada dessas famílias, é sempre um processo pesado e apenas a melhoria na condição de habitação e de vida poderia diminuir esse sofrimento. A explicação ambiental é compreendida por parte dessa população, mas não resolve suas necessidades, mesmo ela assumindo a defesa do ambiente.

Voltando ao conceito da “Mata Ciliar”, na contextualização e no conjunto de questionamentos efetuados por Rosa, ele não é mais uma categoria abstrata. Ele passa a ser parte de um universo fruto de um processo em que o sujeito descobre pela própria prática o poder de ser, afinal, o sujeito, tanto do ato de conhecer quanto do trabalho de transformar o próprio mundo. Os processos de formação, vivenciados pela Rosa tiveram resultados próximos dos objetivos discutidos por BRANDÃO (1982), com relação à Pesquisa Participante.

Marlene expressou a não unanimidade desse conceito enquanto preocupação de seus companheiros catadores. Do ponto de vista físico, para quem está na área essa mata é fundamental para impedir a erosão e o assoreamento dos rios e córregos, por resíduos sólidos. Nessas áreas são importantes e complementares as duas iniciativas: a preservação das matas ciliares e a coleta adequada desses resíduos. Não estabelecer essa conexão significa uma fragilidade relativa a compreensão da pro-

blemática física ambiental, que precisa ser melhor trabalhada, ampliando o entendimento da complexidade ambiental na qual se insere o trabalho de coleta realizado por esses sujeitos sociais. Isto significa a necessidade de ampliação dos processos de formação, com a inclusão de uma parcela maior desses trabalhadores.

Independentemente da conexão entre alguns conceitos e categorias vinculados diretamente à problemática ambiental e à prática da coleta, é unanimidade entre os catadores, a valorização do seu trabalho para o meio ambiente. Isto fica claro nas falas da maioria deles. Além do recolhimento dos resíduos, esta valorização aparece associada ao reconhecimento da interação com a população, como um processo de educação ambiental. Na fala do João, a educação ambiental aparece como essa interação de forma estreitamente vinculada ao funcionamento da coleta seletiva. Paulo enxerga a responsabilidade daqueles que estabelecem esse diálogo com a população e alerta para a necessidade da construção de uma infraestrutura e uma logística para poder assumir o compromisso de coletar os resíduos, com os moradores. Ele alerta para a necessidade de ter os “pés no chão”, e somente diante das efetivas condições materiais, contatarem os moradores e assumirem essa responsabilidade.

Nas falas aparece a ampliação de saberes nas trocas de experiências entre eles, pes-

soalmente, assim como da troca entre os grupos. A convivência parece que permite dar significado ao “fazer cotidiano” e aos saberes que isolados, perdem o significado. Assim é para Rosa, ao expor de forma bem clara o novo sentido que adquirem alguns conhecimentos e essas práticas do cotidiano: “a gente aprendeu a fazer contabilidade, a ver mais o sentido daquilo que a gente estava fazendo e até tentar conviver junto com os outros”. O avanço intelectual dessa moça se expressa quando fala sobre como hoje ela consegue enxergar o que está acontecendo no Projeto Brasil Canadá, no Movimento Nacional dos Catadores, nos Comitês de Cooperativas. Ela compara a situação atual com a fase anterior à organização dos grupos, as trocas, fase em que ela se sentia totalmente abandonada e não conseguia reconhecer quão importante era o trabalho da Coleta Seletiva para a sociedade de São Paulo.

Outro avanço na aquisição de conhecimentos, a partir da convivência, é o reconhecimento da amplitude geográfica dos problemas. Na fala da Cássia isso se evidencia quando ela afirma acreditar que a crise vivenciada hoje no ABC, vai além dessa região. Ela diz: “... *todos nós hoje precisamos de muito apoio Eu acredito que é geral. Não é só o ABC que está passando momentos difíceis [...] mas a gente se encontra e vê que a realidade é a mesma: está muito difícil porque o descaso é muito grande mesmo*”. As trocas permitem

a ampliação dos saberes, a construção de identidade e de saídas.

Na sua fala, CÁSSIA completa que há grande desânimo em função da crise, mas aponta a saída na organização do coletivo de grupos, na busca de apoio, de incentivo. Ela enfatiza a necessidade de apoio que consiga mobilizar as pessoas, para que elas acreditem nas novas possibilidades. De acordo com ela, “*o mercado acabou. Não está dando nada a retirada dos catadores. Isso desanima[...] se não tiver nenhum projeto sério, igual a esse que incentiva as pessoas, de fazer as pessoas acreditarem que é possível, porque nós acreditamos, nós estamos aqui na luta, então nós acreditamos. Mas precisa ter mais incentivo mesmo.*” Para ela, é possível mudar as coisas mas é preciso construir possibilidades concretas e é preciso acreditar que é possível.

“Acreditar”, para essas pessoas, aparece ora como a construção de processos na história, ora do ponto de vista da somatória de esforços e energias do coletivo. Para alguns esse termo está associado a uma postura mística, mais vinculada a necessidade de “celebração”, de algo ou de algum momento que congregue as energias das pessoas, indo além de uma dimensão religiosa em si (independentemente de qual seja a religião). Ser solidário é, nesse sentido, distribuir amor para todos, conforme afirma Marlene “*dos que estão lá [na base][...] vamos ser solidários de fato... vamos fazer nossa oração, vamos distribuir*

amor pra todos [...] e a gente vai bem...[...]. É isso o que está faltando. Porque se a gente [fizer isso] todo o dia, [...], a gente consegue.” Por vezes, as falas parecem ter uma conotação que engloba todos esses sentidos ao termo “acreditar”.

A um só tempo se valoriza um momento de “oração” ou de “meditação”, e os embates políticos do coletivo de catadores. Neste caso, o acúmulo de energia neste coletivo é considerado como mobilizador e potencializador das ações concretas e da esperança.

Em várias afirmações, apareceu uma crítica aos valores do mundo contemporâneo, principalmente em relação à competição e à união com respeito ao próximo. Em meio a sua fala, João afirma: *“eu tenho uma maneira de avaliar que a educação é fundamental, que vem do berço. A religião seja lá qual for, mas o amor dentro da família vai fazer a coisa funcionar melhor. Está muito bagunçado. Ninguém mais respeita ninguém.”* E completa que as pessoas sozinhas, não conseguem nada, que há necessidade de união.

Essa questão da ética, do amor ao próximo, enfim da necessidade de trabalhar com esses valores para a construção dos “seres humanos” é colocada por vários deles, nesse encontro. João ainda coloca em cheque a questão ética das ações assistencialistas, quando se oferece uma cesta básica. Na verdade, ele afirma, é só

uma “encenação” de se estar solucionando um problema, mas, de fato isso não está ocorrendo, nem como solução imediata, pois uma família com 2 ou 3 filhos não sobrevive com esta cesta.

Ao longo do encontro, foram apresentados diversos tipos de saberes e ficou nítida a vontade de aprender sempre mais, conforme já comentado anteriormente. O pessoal falou de aspectos técnicos, como por exemplo da triagem; de entender melhor o que é uma cooperativa, de como regulamentá-la; da organização da contabilidade; de aspectos operacionais. Como afirmou João e, em seguida Paulo, ao retomar uma ideia de Cássia, “a capacitação sempre tem que ter a participação. Tem outros [cursos] aí e fala essa coisa de plástico duro, plástico mole. A gente tem que aprender para falar o nome certo [mas não é só isso]”. Nesta afirmação é possível depreender o significado desse aprendizado de terminologia enquanto uma autovalorização, inclusive no momento da negociação para comercializar o material. Esta afirmação guarda certa ambiguidade. A busca pelo acesso aos saberes acumulados pela humanidade e a respectiva terminologia é positiva. Ao mesmo tempo pode significar submissão a uma relação injusta no mercado, uma posição de sujeição, pela desvalorização de seus saberes, reforçando a validação de determinados saberes dentro da mesma opressão e da exclusão sociocultural.

A avidez por novos conhecimentos é evidente, Essa “vontade” vai além dos saberes instrumentais. O universo de atenção das lideranças inclui os vinculados às necessidades prementes e aqueles para a compreensão das relações políticas, das relações econômicas, das questões ambientais e de Educação Ambiental. Apareceu com muita força a vontade das lideranças de aprender a lidar com o crescimento daqueles chamados “da base”⁵.

A relação dessas lideranças com as “bases” apareceu em todos os momentos do encontro enquanto um desafio muito claro colocado para esse grupo de trabalho. Um dos pontos cruciais da defasagem entre o estágio da liderança e o conjunto dos cooperados parece ser a ausência de uma contribuição muito especial dos projetos relativamente autovalorização, com as lideranças. A autovalorização assume diferentes dimensões, nas falas desses catadores.

De acordo com Luisa, o projeto tem ajudado muito do ponto de vista psicológico. O projeto *“ajudou, foi o lado pessoal, psicológico das pessoas. Está acabando o ano e às vezes você passa o ano todo só na*

5 Esta é uma terminologia usada por essas lideranças que, aparentemente teve sua origem nos discussões do MNCR. Pelos discursos dessas lideranças, ela não aparenta ter uma conotação de dominação e nem de centralização. Ao contrário, ao julgar pela preocupação apontada ao longo deste GF, há uma preocupação e, aparentemente, uma intenção de socialização das condições gerais e das condições de poder, internamente nos grupos.

correria. Então, você para um pouco para pensar e olhar pra você.” A participação na elaboração do projeto, nas discussões, foi fundamental para que Luísa começasse a se auto valorizar. Durante o planejamento estratégico, *“a gente aprendeu a se valorizar mais... a pensar assim que ‘eu sou capaz’.[...] Me ajudou muito, também pra passar para o grupo, assim, pra você entender que é capaz.”* Ela continuou, dizendo que até iniciar o projeto, era muito medrosa; que todos têm medo de alguma coisa mas *“a gente tem que aprender a dominar o medo. Antes, pensava que as pessoas sabiam mais do que ela própria e ela não sabia nada. “E aí você encontrou um monte de gente que podia ajudar. Aprendi a me valorizar mais, a [improvisar] mais a achar que eu sou capaz e que os outros também são capazes.” Hoje ela diz não ter medo de nada.*

A autovalorização, que apareceu nas falas de vários participantes, está vinculada à construção e resgate da autoestima, da valorização do trabalho, da coleta seletiva na sociedade e, ao mesmo tempo, está ligada ao fortalecimento da identidade de grupo. Ela vem juntamente com a valorização de seus saberes, de sua capacidade de entendimento, de ação, de expressar-se diante dos companheiros, do poder público e da sociedade em geral; de interpretar, decidir e ouvir; na possibilidade de interagir na sociedade e construir os próprios rumos. Desta forma, está sendo construída a autonomia e eles vão se as-

sumindo como sujeitos sociais, sujeitos na história. (FREIRE, 1996).

Essa valorização ainda aparece fortalecida nas falas incisivas, posicionadas, com relação aos aspectos contraditórios dos fatos, da história.

Na maioria das falas está inequívoco o poder de decidir e de vislumbrar sonhos e perspectivas comuns. (LUTF, 1984) A união aparece como necessidade e como “vontade”, pela soma de energia, pela potencialização da ação, quando no coletivo, pela identidade e pela consciência da condição coletiva de exclusão social, de forma crítica e combativa. Em vários momentos apareceram esses posicionamentos políticos claros: com relação ao próprio movimento social, no sentido da busca de seu fortalecimento, como na fala: *...”tenho uma coisa muito crítica, principalmente com relação à questão política, que a gente não está tão integrado assim como precisava para construir uma política pública”*; com relação ao poder público - Eles põem uma coisa no mundo aí e nem fala no assunto. E nosso trabalho? Ele some? Não é verdade, com relação à sociedade como um todo e também com relação aos sujeitos sociais dessa cadeia da reciclagem).

A maioria dos posicionamentos permite entrever uma visão mais dinâmica do mundo, mais vinculada a uma historicidade do que a um determinismo, que são condições

fundamentais para o aprendizado e para a participação das transformações na história (FREIRE, 1996 e LUTF, 1984). É assim que aparece na fala do João, o tempo histórico *“Devagar é muito lento. Eu sinto o drama todo da vida que vivemos hoje. Sempre dentro do mesmo esquema... a união faz a força. A pessoa sozinha não consegue nada [...]o povo não tem cabeça ainda pra sair para a rua.”* Em outras falas, até mesmo do João, se evidencia a dificuldade de tratar das questões emergenciais de sobrevivência e não perder essa perspectiva histórica.

O posicionamento político, histórico, voltado para a construção de sociedades mais justas e democráticas, transpareceu em várias falas, principalmente, em relação às dificuldades e contradições presentes no cotidiano das cooperativas, no fazer coletivo (todas das cooperativas: lideranças e “bases”).

Luísa chama a atenção para a necessidade de a liderança estar bem e que quando ela falou em autovalorização e em pensar em si, não significada *“deixar os outros para traz”*. *A necessidade de trazer os outros cooperados é uma preocupação de todos*. O desnível de sonhos, de expectativas e perspectivas de futuro, de trabalho cooperativo e até da autovalorização, entre as lideranças e o pessoal que não vai para as reuniões, é muito grande e, de acordo com as afirmações dessas lideranças é um desafio manter o cotidiano e as interações cooperativas, com este desequilíbrio.

Esse foi um desafio bastante presente nesse encontro: como fazer com que os outros também cresçam em união, em reconhecimento da importância do diálogo e da reflexão relação. De acordo com estas lideranças, é um desafio, conseguir estender a discussão e os avanços dos que vem nas reuniões, para os outros cooperados. Elas alegaram que ocorrem discussões entre essas lideranças e os cooperados, com o objetivo de socialização dos debates no Projeto e para levantar o posicionamento do grupo, com relação às decisões a serem tomadas. Porém, isso não foi simples, pois nem sempre ocorre entendimento dos processos construídos fora da cooperativa. Foi uma preocupação no Projeto BR CA, a construção de alternativas para viabilizar o envolvimento e a efetiva reflexão dos representantes com os outros cooperados.

Essa constatação, nesse grupo, é um avanço, no sentido de ter a clareza dessa necessidade, por ser um pensamento solidário, cujo princípio fundamental é o de que “todos juntos somos fortes”, é a preocupação com o coletivo. Está sendo construído, a partir daí, um sujeito social e a possibilidade de ação conjunta para a transformação das condições sociais atuais.

Os discursos não são iguais. Alguns mostram soluções diferenciadas, na condução do trabalho e das interações do dia-a-dia. Ficou evidente que nem sempre é possível conseguir fazer uma reflexão sobre o

contexto (nem mesmo o mais imediato, por exemplo das condições de mercado), dentro das cooperativas. Emergiu na fala da Silvia, entre outros, a solicitação pelos cooperados, de definições colocadas no modo imperativo, não como forma de opressão, mas de organização das regras e do próprio trabalho. Essa era uma questão levantada e discutida anteriormente no

GF – Formadores.

Há bastante dificuldade, portanto de mobilização. Em alguns momentos ficou evidente que as lideranças se sentem cobradas, pois, como explicar essa crise?!... como explicar que as indústrias não estão comprando?!.. Como explicar a desproporção entre o material coletado e a extrema diminuição dos ganhos?! Tanto mais difícil se torna a mobilização para construção de saídas e de luta pelas transformações sociais.

Todo movimento social tem um objetivo e um inimigo. (CASTELLS, 2000). No caso dos catadores, mesmo para as lideranças, há grande dificuldade em reconhecer o objeto mais concreto e contra qual inimigo se está lutando, pois não se trata de uma classe social facilmente identificável. Não há um padrão.

É possível saber, e estes que participam dos processos de formação expõem isto: a existência de “inimigos temporários”, e que o inimigo maior, o mercado, o modo

de produção é muito grande. Para estes, está claro que a luta vai ser demorada e para ter uma vida melhor, é preciso uma união muito grande. É também muito claro o papel e a responsabilidade que assumem perante o grupo do qual fazem parte.

Para eles a universalização da atitude coletiva e solidária, da transposição do individualismo e competição à cooperação, no conjunto dos cooperados ainda é um desafio. A construção do cooperativismo vai se dando com a ampliação da confiança mútua, com o reconhecimento do potencial de crescimento e do aumento do ganho, com inclusão de novos cooperados. Faz parte desse conjunto, o exercício de por em prática os sonhos coletivos (como, por exemplo, a busca de projetos para fomentar melhorias das condições materiais para o trabalho); a transparência na gestão, conseguida com uma batalha em alguns grupos e com a prática das decisões no coletivo.

Das discussões ficaram evidentes as contribuições da formação, para a construção da autonomia, da condição ativa no processo de produção e de socialização de conhecimento para a inserção dos catadores no processo da história, como sujeitos dessa história. (FREIRE, 1996 e BRANDÃO, 1982). Essa condição indispensável para a construção de alternativas democráticas de gestão da vida e do ambiente.

ANTES	DEPOIS
Se uma andorinha não sai para formar um grupo, como sustentar a esta frase Uma andorinha não faz verão?	A visão é outra na capacitação e no desenvolvimento de cada um até na autoestima
- ter dinheiro extra para comprar linha, doces, bolacha	- Melhoria do Meio Ambiente - Geração de renda - Conhecimento
Escravo, sem conhecimento Ter vergonha de lutar	Orgulho de ajudar a população Ser solidário Poder ir e vir
Miserável Discriminado Nós não tínhamos conhecimento	Empreendedor Somos mais "divulgados" Nós aprendemos a ser catadores com mais aprendizado
Era uma dificuldade para vender, dinheiro muito pouco	Melhorou com a ajuda da Rede
Falta de conhecimento Insegurança Bagagem pequena	Aprendizado Apoio-moral Valorização União (grupos)
Protetor da natureza	Saber transmitir tudo o que sabe para dar proteção a ela mais do que nunca.
Trabalhava para manter minha família e ter uma renda satisfatória	Lutar por políticas públicas e garantir um ambiente saudável onde possamos viver com alegria

Ficaram nítidas as dimensões subjetivas das interações humanas, que essas ações educativas tem atingido. As dimensões

que são também imprescindíveis para as mudanças de atitudes em direção à sustentabilidade.

Ao final dos debates, foram distribuídos pedaços de papel dobrados ao meio. Na metade esquerda, estava a palavra “ANTES” e na metade da direita, estava a palavra “DEPOIS”. Foi solicitado que os participantes do GF-catadores que escrevessem, com 3 palavras, o que eles acham que era marcante antes e depois da “formação”, na vida deles.

Os resultados estão colocados no Quadro a seguir. Apresentam de forma direta os aspectos mais marcantes que emergiram durante a discussão: a união, a autovalorização, a construção de saídas de sobrevivência coletivas e solidárias, a vontade de ter mais conhecimentos e de ampliar as políticas públicas participativas e contribuir para melhorar as condições ambientais.

Considerações Finais

... o projeto Br Ca é uma coisa nova, porque pensa no social na questão humana, ali... a ralé da ralé mesmo, o humano mesmo [...] a interação da sociedade, da classe pobre com os cargos políticos, o poder público [...] eles aprenderem a trabalhar com a gente [...] mas pensa, fazer um projeto e ensinar a fazer contabilidade, a

você ir lá na Prefeitura [...] bater nas costas do prefeito e falar: olha, eu sou catador, a gente está aqui por que quer montar uma cooperativa, assim e assado... É isso o que está acontecendo no Projeto [BR/CA] está ensinando, a gente está aprendendo a crescer é um aprendizado, olha a experiência, que muitas vezes a pessoa não enxerga, mas a gente aprende, por que se fosse em tempos atrás a gente diria: *“mas eu não posso fazer isso, ah, vou ver se a professora que conhece faz por mim”*... Marlene, 2008). (BAEDER, 2009)

Os diálogos do grupo focal evidenciaram que os principais objetivos foram atingidos e resultados inesperados foram alcançados. Os catadores sintetizaram diferentes tipos de aprendizado.

Neste estudo foram analisados momentos marcantes desses três processos de formação, na trajetória da mobilização dos catadores (as) de materiais recicláveis. Assim como na fala de Marlene, foi possível reconhecer, nos vários momentos estudados, elementos fundamentais da formação, tendo em vista a emancipação desses sujeitos e para a sua participação na construção de alternativas sustentáveis.

Com a identificação das condições de vida dos catadores, das políticas públicas de resíduos e das questões ambientais, foi possível reconhecer alguns aspectos da condição de transitoriedade em relação à problemática socioambiental dos resíduos.

Com o avanço da industrialização e do modo de produção capitalista, “mundo capitalista”, foi se ampliando o desemprego e o considerado “exército de reserva de mão de obra”.

O “lixo” tornou-se grave problema ambiental mas há mudanças no sentido de transforma-lo em matéria para a produção, por meio da reciclagem, adquirindo este, o valor de troca. A partir dessa problematização, é possível enxergar e avaliar a importância da ação educativa, enquanto espaço de construção de conhecimentos, de transformação histórica e social, na consolidação da cidadania.

Essa provocação é válida para a reflexão sobre a Educação Ambiental vinculada à problemática de resíduos, no sentido de ser um espaço de construção de autonomia, de ter a história não como algo inexorável, nem a ser compreendida numa perspectiva determinista, mas como possibilidade (FREIRE, 1996). Nesta mesma perspectiva se desenvolve Educação Ambiental transformadora. No caso do trabalho com catadores, é da compreensão das especificidades do contexto, que se criaram, coletivamente, novos caminhos para sua inclusão e para a melhoria da coleta seletiva.

Na construção de alternativas, os valores humanos que se pretendia modificar nesses processos educativos eram os mesmos da Educação Ambiental vinculada à

vertente emancipatória e transformadora, cujo eixo central é a sustentabilidade socioambiental.

Neste trabalho foram analisados aspectos educativos do processo político da organização do movimento social construído com catadores. Foram avaliados os resultados de situações educativas com catadores de materiais recicláveis.

A equipe de formadores do GPSRS entende as ações educativas como forma de contribuir para a emancipação humana, de construção da autonomia e de formação de sujeitos sociais da própria história. No debate do Grupo Focal com essa equipe ficou claro o entendimento da educação como ação essencialmente transformadora das condições atuais de vida.

Em relação aos catadores, o objetivo mais amplo foi a superação das desigualdades que os mantém à margem das condições necessárias à sobrevivência com dignidade. Da EA emancipatória e crítica, para essa superação é fundamental a construção da autonomia para as transformações das relações históricas, a partir dos processos coletivos participativos.

As relações entre catadores e o poder público, assim como as soluções compartilhadas estão em construção no Brasil e dependem da intensificação do diálogo.

Nos trabalhos analisados ficou evidente a importância da formação tratar dos aspectos vinculados à condição humana, das formas de interação, do desenvolvimento de valores e, ao mesmo tempo, da construção de conhecimentos. Também ficou evidente a importância da construção da identidade e do fortalecimento dessas pessoas, enquanto “categoria” social, para um processo de autogestão.

Um aspecto essencial nas situações educativas, evidenciada na avaliação foi o resgate da autoestima. Os catadores afirmaram que houve crescimento da segurança psicológica.

Os catadores articulam a valorização da profissão ao coletivo, como ficou claro na colocação de uma catadora no GF Catadores. Apesar da diversidade dos desafios, tanto os catadores mais antigos quanto os mais novos no GPSRS mostraram ter convicção da viabilização deste trabalho cooperativo.

Na formação, houve um fortalecimento da identidade e a apropriação dos processos vividos, assim como a sensibilização para a necessidade de participar da construção de soluções de problemas, tanto no interior dos grupos como com o poder público e no diálogo com as empresas.

Apesar de acreditar no diálogo, e na confiança mútua para a construção de soluções de ordem prática, foi possível identi-

ficar a dificuldade de mudança de valores e atitudes fortemente arraigadas nas relações cotidianas.

O entendimento de sua condição social no contexto histórico foi expresso de várias maneiras durante os trabalhos educativos. Pelo claro posicionamento político, com relação ao poder público e à sociedade e pelos conhecimentos construídos coletivamente (BRANDÃO, 1982).

Alguns princípios metodológicos e técnicas desenvolvidas nesses processos de formação permitiram trocas de experiências e interações cooperativas mais intensas sobre as condições concretas da coleta de materiais, a logística da venda coletiva, a contabilidade, a negociação dos preços e a autogestão.

O fato de o GPSRS ter sido estruturado por meio da gestão compartilhada entre representantes da comunidade acadêmica, de técnicos, de prefeituras e lideranças dos grupos de catadores, foi mais um fator de fortalecimento dos catadores para o diálogo com o poder público. O Projeto permitiu a definição de novos temas a serem trabalhados como o da saúde, a estruturação dos grupos para a gestão da coleta enquanto negócio -dentro do cooperativismo e da Economia Solidária.

Entre os princípios metodológicos mais importantes ressalta-se o protagonismo dos catadores, no sentido de seu exercício

de organização das ideias, de exposição e argumentação, quando se tratava de tomar decisões no coletivo.

A realização da venda coletiva de materiais; a otimização de transporte; as decisões compartilhadas estavam presentes na avaliação, como essenciais para a convivência das cooperativas e, portanto, para a prestação organizada desse serviço público.

As interações com outras cooperativas permitiram reconhecer diferenças, avanços e dificuldades comuns e, pelas afirmações, essas trocas foram fundamentais para a construção da gestão cooperativa e dos grupos.

Essa condição para o diálogo e participação da construção e implementação de programas municipais de coleta seletiva com catadores(as), constituiu o eixo norteador da aprendizagem. Um dos desafios para a consolidação da coleta feita por grupos de catadores e das políticas públicas participativas são as barreiras institucionais, que dificultam a sua participação. Há necessidade de muito empenho para romper essas barreiras.

Ocorreu o reforço da ação cooperativista a criação de laços comunitários mais significativos; o aumento da possibilidade de inclusão social; e da geração de renda com a ampliação da cidadania.

Os elementos identificados nos processos de formação dos catadores apontam para um potencial de mobilização, fortalecimento e empoderamento para o compromisso com transformações para a sustentabilidade.

O trabalho exposto neste artigo foi desenvolvido no interior de uma pesquisa coletiva e com o envolvimento militante. Começou com o compromisso em relação à desigualdade social e de desenvolver a Educação Ambiental num contexto de inúmeras dificuldades. Foi repleta de desafios: para a pesquisadora, do ponto de vista de entender melhor como o trabalho acadêmico poderia apoiar os processos participativos de melhoria da vida dessas classes populares, de forma direta.

Não é raro o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos em que as pesquisas entendem as pessoas como “objetos de estudo”. Esse tipo de trabalho já havia ocorrido na região (Zona Sul/SP). Por isso a confiança mútua foi conquistada, ao longo da trajetória de 10 anos. No início dos trabalhos no FRSP, também houve resistências, assim como na Zona Sul.

Não foram poucos os momentos nesse período, em que os apoiadores se desestimularam a prosseguir. Porém, as lideranças dos catadores conseguiram persistir, em meio às dificuldades, pois, sempre foi mais forte a esperança de construir um futuro melhor para os catadores.

Referências bibliográficas

- BAEDER, Angela Martins. *Educação Ambiental e Mobilização Social: Formação de Catadores na Grande São Paulo*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BAEDER, Angela Martins e PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Educação Ambiental com catadores de recicláveis: cooperativismo na gestão de resíduos sólidos. *XIII Encontro de Geógrafos de América Latina. Estableciendo puentes en Geografía latino-americana*. Costa Rica, 2011
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.). *Pesquisa Participante*. 2 ed.. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BURNHAM, Teresinha Frões. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: BARBOSA, Joaquim. (org). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: EdUFSCar, 1998. P.34-56.
- CEMPRE – Compromisso Empresarial com a Reciclagem. Pesquisa de coleta seletiva nos municípios brasileiros. Disponível em: http://Cempre.Tecnologia.Ws/Cempre_Informa.Php?Lnk=Ci_2009-0304_Reciclando.Php. Acesso em 27 jun. 2015.
- CHEREM, Carlos Eduardo. Catador de lixo é indenizado em R\$ 7.000 em MG após ser chamado de 'isso'. Belo Horizonte. Disponível em: www.uol.com.br. Acesso em 12 de junho de 2015.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura). P.165.
- GUTBERLET, Jutta; BAEDER, Angela M.; Nídia N. PONTUSCHKA et al. Participatory Research Revealing the Work and Occupational Health Hazards of Cooperative Recyclers in Brazil. *International Journal of Environmental Research and Public Health* 2013, 10, pp.4607-4627; ISSN 1660-4601. doi:10.3390. ijerph10104607
- LAYRARGUES, P.P.(coord) et al. Identidades da educação ambiental brasileira. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- LEFF, Enrique. Epistemologia ambiental. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.P. 240
- ROMANI, Andréa Pitanguy de. O Poder público municipal e as organizações de catadores. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA/CAIXA, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1996. P. 348
- SINGER, Paul. É possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres? (texto para discussão). Ministério do Trabalho e Emprego-Secretaria Nacional de Economia Solidária. Brasília, 2004.
- SORRENTINO, Marcos (coord.); Sposati, Aldaiza.; Sawaia, Bader; Dalari, Dalmo. et al. Ambientalismo e participação na contemporaneidade. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001, p. 229.
- Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Fórum das Organizações não Governamentais. Rio de Janeiro: Rio 92. (Evento paralelo à Conferência Intergovernamental de Meio Ambiente e Desenvolvimento), 1992.